

| | |
|---------|-------------------------------------|
| Veículo | : REVISTA TIC BRASIL MERCADO ONLINE |
| Local | : RECIFE / PE |
| Data | : 14/10/2009 |

Guia de inovação busca sensibilizar o empresariado para a importância das práticas inovativas



Quem esteve na 5ª Feira de Inovação Tecnológica (Inovatec), que aconteceu até a última sexta-feira (09), no Expominas, em Belo Horizonte (MG), teve a oportunidade de conhecer, em primeira mão, o "Guia Prático de Apoio à Inovação". O material foi concebido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e pela Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Inovadoras (ANPEI), emergindo como parte das atividades do Pró-Inova, programa coordenado pelo MCT, cujo objetivo é difundir informações sobre inovação e sensibilizar o empresariado para a importância das práticas inovativas.

Mário Eduardo Barra,

membro da diretoria e fundador da ANPEI

“A ANPEI constatou que muitos dos mecanismos disponíveis de fomento à inovação são desconhecidos pela grande maioria dos empresários. Estima-se hoje que existam cerca de 93 mil empreendimentos, sendo que apenas 5 mil praticam algum tipo de inovação. Nessas condições, há todo um trabalho de esclarecimento a ser feito junto ao empresariado”, explica Mário Eduardo Barra, membro da diretoria e fundador da ANPEI.

Como a ANPEI é constituída por empresas inovadoras, a montagem do guia foi feito de forma a responder simples e diretamente as dúvidas dos interessados em inovação. Para melhor entendimento, os instrumentos foram divididos em dois grupos: os de apoio tecnológico financeiro e os de apoio técnico e gerencial. “Os primeiros referem-se a mecanismos de apoio, sob a forma de financiamento, subvenção econômica, incentivos fiscais, capital de risco e bolsas; já o segundo aborda os programas que visam auxiliar os empresários nas atividades de gestão da inovação”.

Além da versão impressa, com 102 páginas, o guia tem também uma edição eletrônica acompanhada de dois simuladores - um conceitual e um financeiro. O conceitual possibilita ao empresário encontrar as informações necessárias para que possa se enquadrar na localização e porte do seu negócio. Já o simulador financeiro oferece possibilidades da empresa conhecer os ganhos tributários e financeiros resultantes da utilização dos incentivos fiscais previstos na Lei do Bem, facilitando o entendimento da intrincada malha de questões legais, de forma a tornar seu entendimento e o enquadramento da empresa fácil e didático. É só ir respondendo as perguntas formuladas pelo programa de simulação para saber quais os benefícios disponíveis. “Os incentivos não são triviais, indo desde o abatimento de 160% dos dispêndios com Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) para o cálculo do Lucro Líquido, podendo chegar até a 200%; até a redução de 50% do IPI incidente sobre equipamentos, máquinas, aparelhos e instrumentos importados para P&D, entre outros”.

Inovação

“As empresas precisam se re-inventarem para continuar a existir em meio à turbulência do mercado mundial. O sucesso das que continuaram investindo em inovação, apesar do ‘crash’ de 1929, é uma importante sinalização de que essa continua sendo uma estratégia adequada para a construção de um futuro para as empresas e para o progresso do país”, defende Barra. E finaliza: “a proposta é que as empresas inovem, para otimizar o seu desempenho e por ser a única forma e a garantia de sobrevivência e perpetuação do negócio a longo prazo”.

"Inovação, pesquisa e desenvolvimento estão diretamente ligados ao crescimento do PIB de um País"



Ronald Dauscha, diretor de inovação e CEO do Centro Internacional de Inovação da FIEP

Foi lançado no dia 18 de agosto, durante o Congresso Paranaense da Indústria 2009, o Centro Internacional de Inovação do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP), que passa a funcionar no Cietep, em Curitiba (PR). "A inovação é o único meio de competitividade sustentável para a indústria, e deve ser colocada no centro de toda política de desenvolvimento industrial do Estado", afirmou na ocasião o presidente da Fiep, Rodrigo da Rocha Loures. No Centro de Inovação, devem se instalar laboratórios de criatividade e ambientes inovadores, institutos de design industrial e de matemática industrial, uma agência de modelagem industrial em biotecnologia, entre vários outros. Também foi lançado no evento o portal da Rede de Inovação, baseado em tecnologias e conceitos de web 2.0 de última geração, que disponibiliza um ambiente digital de comunicação e colaboração que potencializa a criação, a transferência e a retenção de conhecimento nos processos, experiências e boas práticas de inovação das indústrias e partes interessadas do estado. O portal pode ser acessado em www.rededeinovacao.org.br ou www.redeinovacao.org.br. Em entrevista exclusiva à TIC Brasil Mercado, Ronald Dauscha, diretor de inovação e CEO do Centro Internacional de Inovação da FIEP, falou sobre o empreendimento, que funcionará como uma concessionária de inovação, disponibilizando laboratórios, serviços e educação às empresas paranaenses relativos a este tema. "Inovação, pesquisa e desenvolvimento estão diretamente ligados ao crescimento do PIB de um País", disse.

TIC Mercado - Que ações serão desenvolvidas no Centro de Inovação do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Paraná?

Ronald Dauscha - O Centro Internacional de Inovação é a última etapa de uma evolução onde, fazendo uso da larga experiência de anos do SENAI, IEL e SESI, com suas diferentes atuações e competências, a Federação das Indústrias do Estado do Paraná decidiu migrar de um conceito clássico de Comitê Temático em Inovação, passando por uma Diretoria de Inovação, até a deliberação para partir para uma ação efetiva no propósito de alavancar os empreendimentos inovativos no Estado, através de um centro indutor de inovação para empresas.

Este Centro Internacional de Inovação está desenvolvendo e coordena um Programa de Inovação, apoiado por uma Gestão de Conhecimento para a Inovação, que se materializa preponderantemente por um portal. As ações decorrentes desta estratégia atuam diretamente em sete eixos que consideramos suficientemente importantes para que sejam tratados de forma separada, porém integrada: gestão da criatividade, gestão da tecnologia, empreendedorismo, gestão de fomentos públicos, gestão do design, gestão da inovação em negócios e sustentabilidade.

TIC Mercado - De que forma o centro incentivará as empresas paranaenses a promoverem inovação, pesquisa e desenvolvimento?

Ronald Dauscha - Paralelamente a estes sete eixos, estamos segmentando as empresas em 4 graus de maturidade inovativa: aquelas que não sabem o que significa inovar; aquelas que já estão sensibilizadas ou interessadas em começar a inovar; as que já inovam, mas não de forma estruturada ou sistemática; e as que têm inovação como uma de suas estratégias e possui processos organizados para isto. Para cada um destes níveis de empresas, o Centro de Inovação está definindo um pacote de serviços educacionais ou de consultoria, que combinando os sete eixos de referência em inovação descritos anteriormente, irá incentivar que a indústria evolua na direção de uma maior maturidade em inovação. Só para citar algumas ações, estamos prevendo eventos sistemáticos de sensibilização em todas as regiões do estado; aplicação de consultorias em gestão de inovação em negócios; módulos de criatividade para indução de ambientes inovadores; mobilização de rotas estratégicas portadores de futuro do Paraná ou em APLs; a implantação de uma rede de empreendedores e a detecção e estímulo de empresas com grande potencial de desenvolvimento; aplicação de soluções através da matemática industrial; disponibilização de um escritório de projetos para aplicação a fomentos e incentivos públicos; a disseminação e oferta de serviços em novos conceitos de design estratégico; e a conscientização e consultoria para uma inovação sustentável, entre outros.

Este trabalho está sendo realizado em intensa integração com todas as casas do sistema, com o SENAI, Sesi e IEL, além da UNINDUS (a universidade corporativa de educação executiva criada em 2005) dentro da FIEP, que complementa a estratégia do Centro de Inovação para garantir o enfoque diferenciado aos programas de capacitação na área de inovação. São várias as parcerias e laboratórios externos que estão fazendo parte deste projeto, entre estes, a ANPEI, o Centro de Design do Paraná, a associação JCI – Junior Chamber International, Fundação Araucária, o Paraná Metrologia, Agência Curitiba de Desenvolvimento, o SEBRAE, entre outros. Muitas destas parcerias estão ou estarão se localizando fisicamente dentro do centro. Uma outra linha do projeto é organizar uma série de iniciativas ligadas ao tema no Brasil e entre 2009 e 2010 estão previstos os seguintes grandes eventos: Feira e Conferência TOP Innovation, Mostra de Pesquisa e Inovação, KM Sul, Conferência Internacional de Cidades Inovadoras, Bienal de Design 2010 e a X Conferência ANPEI, além de outras, em planejamento.

TIC Mercado - Também foi lançado o portal da Rede de Inovação, baseado em tecnologias e conceitos de web 2.0. Como funciona e a quem se destina?

Ronald Dauscha - O portal chamado Rede de Inovação (www.redeinovacao.org.br) também faz parte do sistema mais amplo de inovação e foi lançado recentemente, e desenvolvido a partir de necessidades de propostas de valor e funcionalidades obtidas de entrevistas com os diversos atores, como empresas, a federação e suas casas, universidades, representantes do setor público, ONGs, entre outros. Destina-se à informação, sensibilização, capacitação e interação e seus conteúdos e serviços são direcionados (através de uma estrutura de metadados cuidadosamente desenhada) exatamente conforme a maturidade de inovação do interessado, como relatado anteriormente: aquele que nunca inovou, o que quer começar a inovar, aquele que quer inovar mais e o que já inova com excelência. O portal é da sociedade e seu conteúdo crescerá à medida que seus parceiros

interajam e contribuam com conteúdos, produtos e serviços, seus casos, suas demandas e suas sugestões. Os blogs, vídeos e outros objetos serão votados, permitindo que se os mais lidos e interessantes estejam em destaque.

Ao final da terceira fase, prevista até o final do ano, o portal disponibilizará Blogs, Vídeos, Calendário/Agenda, Cursos, Eventos, Editais, Twitter, Lista de Links, Base de Conhecimento, RSS, Folheto Produtos e Serviços dos Parceiros, FAQ, Perguntas/Respostas (Verdades e Mitos), Auto Diagnóstico de Maturidade em Inovação, Alerta SMS, Fóruns de Discussão, Webcasting (via Chat), Comunidades de Prática, Yellow Pages, Banco Ofertas/Demandas, E-Learning e Wiki. Por exemplo, no conceito de “story telling”, a contribuição dos casos de inovação de cada um, enriquecerá em muito o aprendizado dos que estão iniciando; ou a sessão “verdades e mitos” esclarecerá muitas percepções distorcidas que se tem do processo de inovação. Mesmo visando atender inicialmente às empresas do Paraná, dentro de uma visão integrada e compartilhada, o Portal pode ser utilizado por qualquer interessado que queira interagir com a comunidade de inovação ou achar respostas para as suas demandas.

TIC Mercado - Qual a relação entre inovação e crescimento do PIB?

Ronald Dauscha - O primeiro ponto importante que queremos deixar sempre claro quando definimos o conceito da inovação para empresas e parceiros de nosso projeto, é que ele deve ser considerado no seu sentido mais amplo, não focando apenas em inovação tecnológica de produtos (muito importante), mas englobando muitos outros aspectos, como serviços, processos, soluções, marketing, canais de vendas, logística, clientes, afinal, toda a cadeia de valor, baseado no conceito de Mohan Sawhney da Inovação 360 graus. Outro ponto fundamental de nossos princípios é, até em função do tecido industrial brasileiro, aceitar que as inovações podem ser de todos os tipos, incrementais, substanciais ou radicais, gerando patentes ou simplesmente permitindo que uma pequena empresa (ou uma organização com baixo grau de maturidade de inovação, não necessariamente pequena) introduza alguma inovação para ela, ou seja, algo que o mercado já pratica. Ao final, o importante é estimular que todos os atores cresçam conjunta, continua e sistematicamente em suas atividades inovativas, passando para o degrau seguinte, independente em que estágio estejam.

Colocadas estas premissas, é fácil compreender porque a inovação tem um impacto direto no crescimento do PIB. Existem inúmeros estudos, por exemplo da OCDE e CEPAL, onde o produto interno bruto dos países possui uma altíssima correlação com os investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) que cada um pratica na média de suas empresas. Se a pesquisa e desenvolvimento, que é, sem dúvida, uma das atividades mais custosas e estruturadas que uma organização pode praticar na direção da inovação (não necessariamente a única ou mais importante), acrescentemos ao impacto no PIB de todas as outras ações potenciais em inovação na cadeia de valor das organizações. Obviamente, uma maior intensidade de P&D permitirá uma evolução na balança comercial de exportações no sentido de uma maior densidade de produtos de maior valor agregado, mas inovações nos outros aspectos da cadeia de valor podem também aumentar substancialmente o valor agregado do faturamento das empresas para o mercado.

TIC Mercado - Quais os desafios do Brasil para construir uma agenda focada na inovação?

Ronald Dauscha - O maior desafio é colocar na pauta dos empresários e, conseqüentemente, inserir na estratégia das empresas brasileiras a prática sistemática e abrangente da inovação. Atualmente, o baixo protagonismo da classe empresarial na agenda da inovação, faz com que o sistema de inovação do país seja orientado pela oferta, ou seja, existe uma oferta de ciência proveniente de pesquisas acadêmica que não foi, no mínimo parcialmente, direcionada para o mercado, existe uma oferta de fomentos e incentivos públicos para inovação, que embora em bem maior número e

qualidade do que faz dez anos atrás, não são ainda reflexo da real necessidade do tecido industrial. Com esta baixa conscientização da importância e disposição em investir sistematicamente em inovação como uma eficaz prática para atingir maiores níveis de produtividade, competitividade (inclusive internacionais) e sustentabilidade, existem nas organizações brasileiras poucos centros de inovação ou de P&D (sejam com mestres e doutores, ou não), além de pouca interação entre o setor privado e as universidades para o desenvolvimento conjunto de pesquisas e projetos voltados para o mercado.

Acreditamos que alguns pontos sejam imprescindíveis para que a inovação passe, a médio e longo prazo, a ser um aspecto integrante de grande parte das empresas no país: uma renovação do modelo de educação (não só de cunho pedagógico, adaptando-se à realidade das relações e interações atuais das redes sociais), mas incluindo fortemente em todas suas etapas, desde o ensino fundamental, aspectos de empreendedorismo, criatividade e sustentabilidade; a revisão da política de fomento à inovação (dando, por exemplo, mais ênfase ao capital de risco), com ampla participação da sociedade e do setor privado; e uma modernização e inovação na gestão pública, e do sistema político como um todo, permitindo tornar o contexto geral do país mais propício à inovação. De um lado, o poder público, precisa ser o agente de estímulo e apoio ao movimento de inovação no Brasil e deve garantir uma ampla comunicação e publicidade da importância e possibilidades da inovação, e, por outro lado, o setor privado deve incorporar a inovação como prioridade estratégica na condução dos seus negócios, independentemente do porte e do segmento da empresa. A recentemente lançada Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI), coordenada pela CNI, visa exatamente sensibilizar empresários e altos executivos das empresas para o desafio de construir uma agenda positiva para a inovação no Brasil.

Governo quer colaboração das telefônicas para ampliar acesso à banda larga

O governo federal quer a ajuda das grandes empresas telefônicas para ampliar o acesso ao serviço de banda larga no Brasil. No último dia 08 de outubro, o ministro das Comunicações, Hélio Costa, esteve reunido com representantes das cinco maiores empresas do setor para discutir formas de colaboração da iniciativa privada para a implantação do Plano Nacional de Banda Larga a ser entregue ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva até novembro.

Hélio Costa esteve reunido com os presidentes Antonio Carlos Valente (Telefônica), Luiz Eduardo Falco (Oi), José Formoso (Embratel), João Cox (Claro) e Luca Luciani (TIM). O ministro quer a cooperação das companhias que operam no país os serviços de telefonia fixa e móvel para ampliar o serviço de acesso à internet nas cidades brasileiras. Por decisão do presidente Lula, diversos ministérios e órgãos governamentais estão trabalhando na elaboração de um projeto.

Segundo Hélio Costa, a participação da iniciativa privada é decisiva para ampliar a infraestrutura de telecomunicações no país. “Sem as empresas é absolutamente impossível enfrentar esse grande desafio”, comentou. O ministério avalia que serão necessários investimentos superiores a R\$ 10 bilhões para a implementação do Plano Nacional de Banda Larga. Ele esteve reunido com o presidente Lula no final da manhã para tratar do assunto.

Na avaliação do ministro, a participação das empresas pode ser a chave para o sucesso da meta do governo de ampliar os serviços de banda larga no país. Ele lembrou que, graças a um acordo com a iniciativa privada foi possível implantar o Programa Banda Larga nas Escolas. Por iniciativa do Ministério das Comunicações, as empresas aceitaram trocar algumas das obrigações do Plano Geral de Metas de Universalização (PGMU) pela garantia da conexão de banda larga à internet em 50 mil

escolas públicas até o final de 2010. “Hoje, temos 30 mil escolas públicas conectadas na área urbana”, comentou.

Inovação: dos obstáculos às competências

Armando Monteiro Neto*

Mais da metade do crescimento da produtividade das principais economias mundiais se explica hoje pela maior eficiência de suas instituições e pelas inovações introduzidas todos os anos pelas empresas. Nesses países, é o setor privado que lidera o esforço de inovação e também a pesquisa e desenvolvimento em novas tecnologias.

Isso é estimulado ao máximo pelos governos, com políticas que vão do suporte a pequenas inovações incrementais, incluem o uso de poder de compra dos Estados e se valem de uma intensa cooperação com entidades de pesquisas.

O Brasil precisa e vai trilhar esse mesmo caminho. Precisamos de aumentos sistemáticos da produtividade para sustentar ganhos reais dos salários e melhorar a distribuição de renda. Precisamos alavancar a capacidade de competir das empresas e gerar melhores empregos. Para isso, vamos ter de dar prioridade à agenda da inovação.

Nossa competitividade sofre com o acúmulo de velhos obstáculos. Temos carga tributária extremamente elevada, nossa infraestrutura é muito deficiente, há baixíssima escolaridade, excessiva burocracia e uma institucionalidade ainda precária. Avançamos em alguns desses aspectos, mas, no geral, numa velocidade que deixa muito a desejar.

Essa é a agenda do passado, que ainda temos de enfrentar e solucionar e que coexiste com os desafios da criação de competências que nos conduzam ao futuro. Devemos reforçar as capacitações técnicas de nossas empresas, melhorar a qualidade do ensino e a escolaridade técnica e superior, dar mais ênfase à formação de engenheiros e cientistas, ampliar o número de instituições de prestação de serviço e de suporte ao desenvolvimento tecnológico das empresas - e multiplicar as instituições de excelência.

Mas, em especial, precisamos entender o papel central que cabe às empresas na agenda da inovação. São essas empresas as responsáveis pelo lançamento de produtos que, cotidianamente, buscam melhorias em seus processos, que vão à busca de novos modelos de negócios para atender melhor os consumidores ou criar mercados. Esse protagonismo implica responsabilidades, mas exige, de outro lado, instrumentos desenhados de acordo com as necessidades e imperativos dos negócios.

Trata-se de uma realidade complexa, porque a inovação tem dimensões distintas para cada tipo de empresa: de pequenas melhorias incrementais até sofisticadas redes de gestão de conhecimento; de novos modelos de negócios até esforços sistemáticos de desenvolvimento tecnológico.

O que dita a estratégia é o próprio mercado. O que condiciona o sucesso é o empenho da empresa e o ambiente que a cerca, as instituições de apoio e as políticas que lhe dão suporte. Temos inúmeros casos de sucesso e temos tido avanços nas políticas públicas.

Precisamos agora dar um salto. Foi isso que a Confederação Nacional da Indústria propôs no Congresso de Inovação, realizado em agosto. Queremos ser protagonistas de uma efetiva Iniciativa Nacional pela Inovação (INI), que congregue empresas e governo em torno de metas acordadas de

inovação para cada setor da indústria; que amplie de forma significativa a capacidade de gestão da inovação nas empresas e que multiplique a mobilização iniciada com esse encontro.

Hoje, cerca de 6 mil empresas brasileiras fazem pesquisa e cerca de 30 mil declaram inovar em produtos e processos. A nossa meta é duplicar o número de empresas inovadoras nos próximos quatro anos.

A plataforma da CNI e do Fórum Nacional da Indústria, lançada no Congresso com o apoio de lideranças industriais, tornará factível essa meta. Mobilizaremos nossos melhores recursos para cumpri-la. Vamos disseminar a cultura da inovação, impregná-la na indústria, mostrar que o futuro depende de nossa capacidade de inovar.

Essa nova plataforma se materializará na criação de núcleos de inovações nas federações de indústria; na generalização das ações de suporte à inovação já em curso nas associações setoriais; na maior ênfase nos serviços técnicos e tecnológicos do Senai; na parceria com o Sebrae para a difusão de metodologias perante as pequenas empresas; na articulação dos diversos setores para estabelecer de comum acordo metas de inovação com o setor público.

E, com o apoio dos empresários, criaremos uma governança capaz de estimular e cobrar resultados. Vamos dar um salto na produtividade, para que seja sustentáculo das aspirações de todos os brasileiros por uma nação mais justa.

*** Armando Monteiro Neto é empresário, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e deputado federal (PTB-PE).**